



# **10. Ensino Lealista**





## 10.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse





Estamos na presença de mais um texto que tanto podemos apelidar de ensinamento como de instrução, indo a nossa preferência para a primeira das designações, *Ensinamento Lealista*, uma vez que ele serviria para ensinar ao seu leitor ou ouvinte a importância de se ser leal ao rei. É uma temática de submissão ao senhor do Egito, ao faraó todo-poderoso. É evidente que este título não é uma herança do passado, não surge no próprio texto, mas, pelo contrário, é-lhe atribuído modernamente pelos actuais tradutores. Embora seja uma composição literária do Império Médio escrita em médio egípcio, só chegou até nós graças a várias cópias manuscritas do Império Novo. Contudo, as seis primeiras das catorze estâncias que o compõem surgem em escrita hieroglífica numa estela encontrada no templo de Osíris em Abido, que se encontra no Museu Egípcio do Cairo (*Cairo CG 20538*), mandada gravar por um homem chamado Sehetepibré, um substituto do chefe do tesouro no tempo da Amenemhat III, sexto e antepenúltimo rei da XII dinastia. Em contrapartida, as frases finais da estância catorze aparecem numa outra estela igualmente originária de Abido, mas actualmente em Berlim (*Berlim 7311*), da responsabilidade de um homem chamado Rehuankh, um «íntimo do rei» nos reinados de Neferhotep I e Sebekhotep IV, respectivamente antepenúltimo e penúltimo reis da XIII dinastia, já no Segundo Período Intermediário e cerca de cem anos depois de Amenemhat III.

Desconhece-se o autor deste texto, mas existem duas indicações indirectas de que possa ter sido escrito, ou mandado escrever, pelo vizir Mentuhotep, um alto funcionário de Senuseret I, segundo rei da XII dinastia. Uma delas é o facto de algumas partes do texto e o próprio desenho da estela de Sehetepibré aparecerem na grande estela do referido vizir Mentuhotep (Museu Egípcio, *Cairo CG 20539*); a outra é o facto de os títulos preservados em alguns dos manuscritos antes do nome desaparecido corresponderem aos de um alto funcionário do início da XII dinastia, perfeitamente possível de coincidir com o Mentuhotep a que nos temos vindo a referir: vizir e tesoureiro, respectivamente, primeiro e segundo cargos da administração egípcia. Por tudo isto, é de crer que a obra original tenha tido origem no tempo dos primeiros reis da XII dinastia. Em abono desta ideia, os temas centrais da primeira parte deste ensinamento, a glorificação do rei e a propaganda da lealdade ao soberano, são característicos da literatura do princípio da XII dinastia, como forma de reforçar a autoridade do monarca, perdida durante o Primeiro Período Intermediário. Integra-se também nesse espírito a temática da segunda parte, o modo de tratar os dependentes, pois os conselhos dados à nobreza nesse sentido reflectem um período de pouca abundância e instabilidade da mão-de-obra, em virtude



das guerras e fomes que se seguiram ao final do Império Antigo.

Consideram-se normalmente quatro as fontes principais para o estudo do *Ensinamento Lealista*: a estela de Sehetepibré (Museu Egípcio, *Cairo CG 20538*), do reinado de Amenemhat III; a tabuinha de madeira designada por tabuinha *Carnarvon II* (*Cairo JE 43261D*), do início da XVIII dinastia; o *Papiro Louvre E 4864*, do meio da XVIII dinastia; os fragmentos de papiro conservados na Pierpont Morgan Library e designados por *Papiro Amherst XII + XIII*, dos finais da XVIII dinastia<sup>1</sup>. No Petrie Museum encontram-se ainda o *Papiro UC 32781*, do início da XIX dinastia, originário de um cemitério do Médio Egípcio, em Deir Rifa, região a sul de Assiut (*Papiro Rîfeh* de Posener)<sup>2</sup>; e o óstraco *UC 39666*, ou óstraco hierático *Petrie 80*, do período ramsésida<sup>3</sup>. São de considerar ainda dois fragmentos de calcário escritos que pertencem ao Instituto Oriental de Chicago, que não lhes atribuiu qualquer referência, mas que Posener designa por 9 «*OIOC*» e 10 «*OIOC*», parecendo ser o pequeno fragmento da primeira (inédito) parte da segunda, que consta do Catálogo 1238 do IFAO, Cairo<sup>4</sup>. Finalmente, considerem-se ainda os 65 óstracos do Império Novo, cuja lista completa Posener não deixa de registrar<sup>5</sup>. Deste acervo, Posener apresenta algumas com fotografia bem legível e transcrição (tabuinha *Carnarvon II*, *verso* e *recto*, embora este último seja um texto de hino que não nos interessa de momento; *Papiro Louvre E. 4864*, *recto* e *verso*, sendo o segundo um texto médico que não é de considerar na nossa tradução; *Papiro Amherst XII + XIII*, *recto* e *verso*; e *Papiro Rîfeh*, *recto* e *verso*); já catalogados ou apenas com número de inventário, os 42 óstracos do IFAO estão todos fac-similados e transcritos em diversos catálogos desta instituição; de outros óstracos, Posener apenas apresenta a transcrição (óstraco *British Museum 5632 rº*; óstraco *Cairo Cat. 25222 vº*; óstraco *Gardiner 314 vº, 1-4*; óstraco *Gardiner 347, 4-10*; Óstraco *Gardiner 358*; óstraco *Michaélidès 39*; óstraco *Petrie 80 rº e vº*).

Nenhuma das cópias existentes apresenta a versão integral do texto. E mesmo a combinação de todas elas não permite superar algumas lacunas. Contrariamente a outros textos literários, sobretudo do tipo ensinamentos, o mais antigo documento desta obra surge em egípcio hieroglífico na monumental estela de Sehetepibré. Devido ao tipo de suporte, houve

---

<sup>1</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pp. 3-11.

<sup>2</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pp. 6-7.

<sup>3</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, p. 9.

<sup>4</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, p. 9.

<sup>5</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste. Sagesse égyptienne du Moyen Empire*, pp. 7-11.



que economizar na linguagem e dizer apenas o estritamente necessário, por isso a versão da estela é normalmente tida como a «versão curta» do texto ou, melhor dito, «versão abreviada», pois parecem não existir disparidades entre ela e a «versão longa» que aparece nos manuscritos<sup>6</sup>. Mesmo sendo todos eles posteriores, não são considerados como um desenvolvimento do texto, sendo antes pelo contrário, a estela considerada um resumo<sup>7</sup>. Gravada dos dois lados, a estela apresenta apenas a primeira parte deste ensinamento integrada num texto mais vasto, do meio da oitava linha ao começo da vigésima linha do lado II. O resto do texto apresenta uma visão da vida no templo de Abido, no início, e um apelo aos sacerdotes do referido templo, no final.

Dos textos cursivos em egípcio hierático, a tabuinha *Carnarvon II*, que foi descoberta num túmulo de Birami em 1912 e completada em 1931 pelo fragmento *JE 56802*, é um pedaço de madeira estucado (24 x 33 cm), que no *verso* já perdeu grande parte do estuque e do texto, escrito a preto no sentido do comprimento e da direita para a esquerda. No *recto*, apenas existem oito linhas horizontais pertencentes a um hino, apresentando-se o resto da face em branco. No *verso*, numa escrita rápida e atabalhoada, temos o que sobrou de quinze linhas hieráticas horizontais da segunda parte do ensinamento<sup>8</sup>.

O *Papiro Louvre E. 4864*, um manuscrito de 37,5 cm de comprimento por 16 cm de altura<sup>9</sup>, foi comprado pelo museu parisiense em 1865 em Tebas e é o que tem uma escrita mais bonita e legível. Apresenta-se incompleto à direita e à esquerda, mostrando igualmente algumas falhas nos bordos superior e inferior<sup>10</sup>. Foi escrito nas duas faces, mas, em vez de ser feita uma rotação horizontal de uma para a outra face, foi feita verticalmente, correspondendo a parte inferior do *verso* à parte superior do *recto*. Isto pelo menos diz-nos que não seria um papiro muito mais comprido do que o que existe hoje, caso contrário seria enrolado para um dos lados e depois desenrolado já no lado contrário; normalmente escrito da direita para a esquerda, abria também no mesmo sentido para leitura. O *recto* apresenta três páginas, em que a primeira e a terceira estão incompletas, sendo possível verificar por comparação com outros

---

<sup>6</sup> Cfr. G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 17-47, e P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, pp. 207-214.

<sup>7</sup> P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 205.

<sup>8</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pl. I e II.

<sup>9</sup> Só por estas medidas já poderíamos atestar com pouca margem de erro que se tratava de um papiro do Império Novo, onde a altura dos papiros variava entre 16 e 20 cm, ao contrário dos do Império Médio cujas alturas poderiam ir de 38 a 42 cm (R. PARKINSON e S. QUIRKE, *Papyrus*, p. 16)

<sup>10</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pl. III e IV.



manuscritos que falta na primeira cerca de um terço das linhas e na segunda cerca de metade. Aparentemente faltará uma página antes da página 1 e outra, ou parte de outra, depois da página 3. A segunda e terceira páginas apresentam doze linhas cada, número que deveria ser o mesmo na primeira caso estivesse completa, todas respeitantes ao *Ensinamento Lealista*. São estes manuscritos que, por oposição à estela, apresentam a «versão longa», da primeira parte do texto e uma segunda parte inexistente na estela. Foi utilizada a tinta preta para o texto e a encarnada para as primeiras palavras de cada estrofe e para a pontuação. No *verso* existem duas páginas incompletas de um texto médico, aparentemente escrito por outro escriba, pois a escrita é bastante diferente, embora a análise paleográfica de Posener tenha determinado que são da mesma época.

O *Papiro Amherst XII + XIII* é composto por dois fragmentos do mesmo rolo escritos a preto com o princípio das estrofes a encarnado e sem pontuação, o primeiro medindo 12 cm x 16,5 cm e o segundo 11,5 cm x 16,5<sup>11</sup>. Escritos dos dois lados num hierático que só em parte e dificilmente se lê, o *recto* permite um alinhamento que posiciona o fragmento XIII à esquerda do fragmento XII, separados por alguns centímetros. O espaço em branco à direita no *verso* e a sequência do texto permitem perceber que o escriba quando chegou ao final do *recto* virou o papiro da esquerda para a direita e continuou a cópia do mesmo texto. Esta orientação permitiu que a parte exterior do papiro estivesse em branco, preservando o texto. O *recto* apresenta o que se salvou de três páginas: a primeira no fragmento XII, com cerca de um terço do tamanho original, tem nove linhas horizontais sobre as quais deveriam existir as duas linhas iniciais do texto; a segunda está dividida entre os dois fragmentos, mostrando o XII o primeiro terço das linhas, o XIII o final das mesmas tendo desaparecido todo o miolo. Da terceira página, no fragmento XIII, só se salvou a metade direita. O *verso* contém restos de duas páginas: a primeira tem o início das suas linhas no fragmento XIII e o seu final no fragmento XII; a página 2, neste último fragmento, é a metade direita do final do texto.

Finalmente o *Papiro UC 32781*, descoberto por Petrie, mede apenas 17 cm x 13 cm. A margem de protecção existente à direita em ambos os lados, qualquer um deles escrito, diz-nos tratar-se do início de um rolo de papiro, todo ele escrito pelo mesmo escriba. Contudo, ao início do texto no *verso*, o que sobrou do início de doze linhas da primeira página de um livro mágico que nada tem a ver com o *Ensinamento Lealista*, corresponde no *recto* ao último terço da última página do final deste ensinamento. Escrito a negro, apresenta o início das estrofes a

---

<sup>11</sup> G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pl. V e VI.





encarnado, bem como as marcas de pontuação. Quanto aos óstracos, a maioria proveniente de Deir el-Medina, com exceção de um caco de vidro, são todos pedaços de calcário com frases incompletas ou que, na melhor das hipóteses, apresentam uma ou duas estrofes completas. Mesmo nos óstracos, a utilização da tinta preta e da tinta encarnada segue os mesmos princípios antes referidos para os papiros. Todos os documentos referidos, incluindo a estela, apresentam numerosos erros que dificultam muito a sua tradução.

Por dificuldade de acesso a originais e, por vezes, mesmo a fotografias, o nosso trabalho de tradução teve por base a fonte impressa de George Posener que, para além de ter os fac-símiles antes referenciados, apresenta as transcrições em egípcio hieroglífico de quase todas as fontes existentes. Sem margem para dúvidas, pelo menos das mais importantes. Tal como outros antes de nós, ter como ponto de partida a obra de Posener é a justa homenagem ao trabalho brilhante que este egiptólogo executou, de juntar numerosas fontes parciais deste texto, autênticas peças de um *puzzle*, e reconstitui-lo do princípio ao fim, utilizando por vezes doze ou mais fontes para reconstituir uma simples frase. Eis as abreviaturas das fontes usadas por ordem de entrada: **PR** – *Papiro Rîfeh*; **1228** – óstraco *IFAO Cat. 1228*; **1056** – óstraco *IFAO Cat. 1056*; **OG 347** – óstraco *Gardiner 347*; **1235** – óstraco *IFAO Cat. 1235*; **ST** – estela de Sehetepibré; **1426** – óstraco *IFAO Cat. 1426*; **1239** – óstraco *IFAO Cat. 1239*; **1198** – óstraco *IFAO Cat. 1198*; **OM** – óstraco *Michaélidès 39*; **1428** – óstraco *IFAO Cat. 1428*; **OG 358** – óstraco *Gardiner 358*; **OG 532** – óstraco *Gardiner 358*; **OG 352** – óstraco *Gardiner 352*; **1240** – óstraco *IFAO Cat. 1240*; **1430 rº** – óstraco *IFAO Cat. 1430 recto*; **OAshm** – óstraco *Ashmolean Museum 1938.912*; **1431** – óstraco *IFAO Cat. 1431*; **OG 97 rº** – óstraco *Gardiner 97 recto*; **OBM** – óstraco *British Museum 5632 recto*; **1423** – óstraco *IFAO Cat. 1423*; **OG 379** – óstraco *Gardiner 379*; **1238** – óstraco *IFAO Cat. 1238*; **TC** – tabuinha *Carnarvon II*; **PL** – *Papiro Louvre E. 4864*; **OB** – óstraco *Berlin Museum P 14277*; **OG 380 vº** – óstraco *Gardiner 380 verso*; **1200** – óstraco *IFAO Cat. 1200*; **1421** – óstraco *IFAO Cat. 1421*; **PA vº** – *Papiro Amherst XII +XIII verso*; **OG 314** – óstraco *Gardiner 314*; **1236** – óstraco *IFAO Cat. 1236*; **1244** – óstraco *IFAO Cat. 1244*; **1418** – óstraco *IFAO Cat. 1418*; **OIOC** – pequeno fragmento de uma tabuinha calcária do Instituto Oriental de Chicago, sem número, que faz parte do óstraco *IFAO Cat. 1238*; **B7311 K, 2** – estela *Berlin 7311 K, 2*.

**Sinopse.** Um pai, claramente da elite privilegiada, dirige-se aos filhos. As catorze estrofes do ensinamento, do poema, dividem-se em duas metades cuja charneira está na nona



estrofe. Na primeira parte, um homem de porte aristocrático diz aos filhos quais as vantagens e as desvantagens de se ser fiel, leal, ao faraó; na segunda, o objecto da sua atenção serão os dependentes, isto é, todos aqueles que lhes são subalternos, e a sua utilidade, ou melhor, a sua indispensabilidade.



## 10.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada





PR, §1-1  
 1228 e T  
 1056 +  
 OG 347 *h3t-c m sb3yt irt.n r-pcty h3ty-c it(f)-ntr mry-[ntr]*

Princípio do ensinamento feito pelo membro da elite e governador<sup>1</sup>, pai divino amado do deus<sup>2</sup>,

1056 +  
 OG 347, 2  
 1228, T  
 1235 e  
 PR *hry sst3 n pr nswt cnh wd3 snb hry-tp n t3 r-dr.f*

superior dos segredos da casa real, v. p. s.<sup>3</sup>, chefe do país inteiro,

1056 +  
 OG 347 3  
*sm hrp m šndyt ... ..*

sacerdote sem, administrador do chendjit<sup>4</sup> ... ..<sup>5</sup>

1056 +  
 OG 347, 4  
 1235 e T  
 ST *... f m sb3yt hr msw.f dd.i wrt di.i sdm.tn*

Ele [diz] como ensinamento aos seus filhos: «Eu vou dizer (uma coisa) importante e fazer com que<sup>6</sup> vós (a) escuteis.

ST 7 8 9 10  
*di.i rh.tn shr n nhh sšr cnh n m3cw sbt cħcw m htp*

Eu vou fazer com que vós saibais (ter) um (bom) comportamento para sempre, um método de vida<sup>7</sup> com sucesso (para) passar a existência em paz.

ST §2-1 2  
*dw3 nsw n(y)-m3ct-r-c cnh dt m hnw n ht.tn sns n hm.f m ib.tn*

Adorai o rei Nimaatré<sup>8</sup>, que ele viva eternamente no interior do vosso corpo. Confraternizai com sua majestade no vosso coração.

1056 +  
 OG 347, 3  
 ST e 4  
 1235 *imi nrw.f m hrt hrw km3 n.f hnw r tr nb*

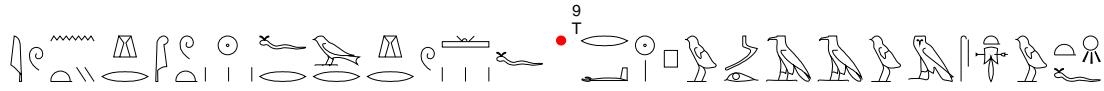
Propagai o seu terror diariamente! Suscitai para ele louvores em relação a cada momento!

ST, PR 5  
 e 1056 + 6 7  
 OG 347 *si3 pw imy h3tyw iw irty.f[y] dr.sn ht nbt r-c pw cnh hry ssm.f*

É Sia<sup>9</sup> que está nos corações: os seus olhos exploram cada ser! É Ré, vivemos sob a sua governação:



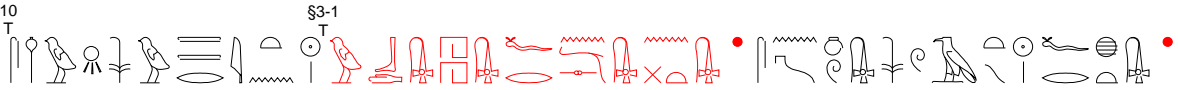
1056 +  
OG 347,  
1235,  
1426 e  
ST



*iw nty hr šwt.f r wr hrw.f r<sup>c</sup> pw m33w m stwt.f*

aquele que está sob a sua sombra está destinado a grandes posses. É Ré,  
vemos pelos seus raios:

ST, PR,<sup>10</sup>  
1239,  
1198 +  
OM,  
1235 e  
OG 358



*šhdw sw t3wy r itn wbd hh.f r nst n sdt snw[h] sw 3t.f r ht*

ele ilumina as Duas Terras mais do que o disco solar! **O seu ardor queima mais do que a chama do fogo.** No seu momento ele é mais ardente<sup>10</sup> do que o (próprio) fogo.

ST



*sw3dw sw r h<sup>c</sup>py 3 mh.n.f t3wy m nhtw (n) ʿnh*

Ele faz florescer<sup>11</sup> mais do que o grande Nilo<sup>12</sup>. Ele encheu as Duas Terras de força e de vida.

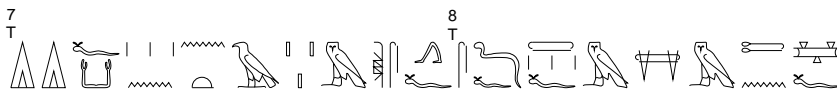
ST



*kbb fndw w3.f r nšni htp.f r tpr t3w*

Os narizes gelam quando ele cai em cólera e quando ele está calmo até se respira o ar.

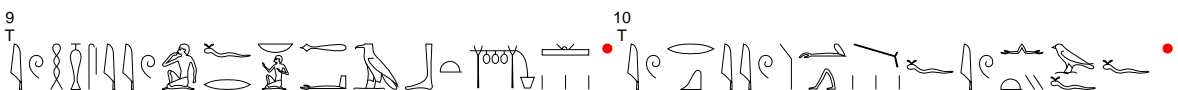
ST



*dd.f k3w n ntyw m šms.f sdf[3y].f mdd mtn.f*

Ele dá alimentos a quem o segue e assegura uma renda ao que adere ao seu caminho.

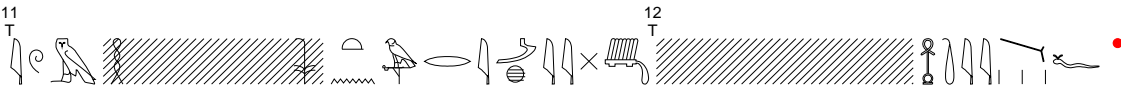
1235 +  
1428,  
PR e  
OG 358



*iw hsyw.f r nb 3bt iw rkyw.f iwty.f*

Aqueles que ele favorece estão destinados a serem senhores de provisões, aqueles que forem seus inimigos não terão (nada).

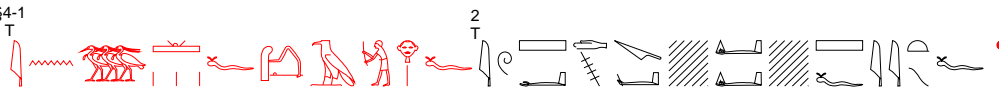
OG 358,  
OG 532  
e PR



*iw ..... nsw r im3hy ..... šntyw.f*

O ..... do rei está destinado a ser venerado, ..... os seus inimigos ...

PR  
OG 352,  
1198 +  
OM e  
1240

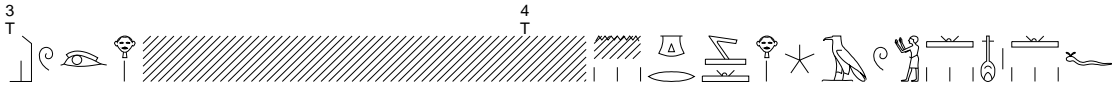


*in b3w.f ʿh3 hr.f iw š<sup>c</sup>d ... dd ... šfy.t.f*

**É o seu poder que combate por ele.** O [seu] terror ... faz com que ... respeito por ele.




1240 e  
PR



*rs hr ..... n grg hr dw3w nfrw.f*

Olhar por cima ..... encontra-se acima do amanhecer da sua perfeição.


PR,  
1240 e  
1198 +  
OM



*wb3y.f km3 ..... ib.f*

Ele revela a forma ..... seu coração<sup>13</sup>.


1198 +  
OM e  
PR,  
1430 r<sup>o</sup>



*nh pw n dd n.f i3yw iw šntyw.f r hry ... iw h3t .....*

É a vida para quem lhe presta adoração. Os seus inimigos são submetidos .....  
Os cadáveres .....

ST e  
OAshm



*k3 pw nsw hw pw r.f shpr.f pw [m] wnnt.f iw't pw nt ntr nb{t}*

O rei é um *ka*<sup>14</sup>, a sua palavra é o alimento. Aquele que ele cria existirá. Ele é o herdeiro de cada deus,

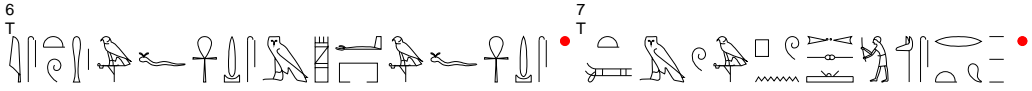
OAshm



*ndty km3[w] sw hww.sn n.f šntyf*

o protector da sua criação. Eles reprimem para si os seus inimigos.

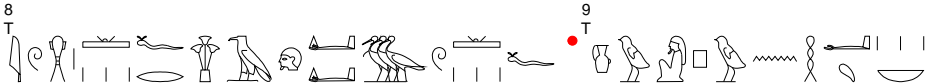
OAshm



*ist{w} hm.f nh wd3 snb m h.f nh wd3 snb itm(w) pw n ts wsrwt*

Agora<sup>15</sup>, sua majestade, v. p. s., está no seu palácio, v. p. s. Ele é Atum porque une pescoços<sup>16</sup>:


OAshm  
e ST



*iw s3.f r h3 dd b3w.f hnmw pw n h'w nb[w]*

a sua protecção está por detrás daquele que permite o seu poder<sup>17</sup>. Ele é Khnum para todos os corpos,


ST



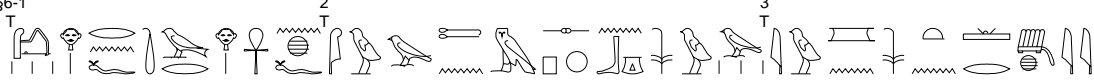
*wttw shpr rhyt b3st pw hwt t3wy iw dw3 sw r nhw 'f'*

um criador que faz vir à existência a humanidade<sup>18</sup>. Ele é Bastet<sup>19</sup> que protege as Duas Terras: aquele que o adorar terá a protecção do seu braço.



ST <sup>13</sup>  
  
*shmt pw r thi wdt.f iw sf3.f r hr sm3w.f*


É Sekhmet<sup>20</sup> contra quem transgride as suas ordens: aquele a quem ele tiver aversão está destinado à miséria.

ST <sup>§6-1</sup>  
  
*h3 hr rn.f twr hr nh.f sw.tn m sp n bgsw iw mr n nsw r im3hy*


Combatei em seu nome. Mostrai respeito pela sua vida. Evitai (qualquer) momento de maldade: um partidário do rei terá o estatuto de venerável.

ST, OAshm e 1431 <sup>4</sup>  
  
*nn is n sbi hr hm.f iw h3t.f m km3 n mw m itnw hr fk3w n dd.f*

(Mas) não haverá um túmulo para quem se revoltar contra sua majestade: o seu cadáver será lançado à água. Não vos oponhais às recompensas que ele der.

OAshm <sup>7</sup>  
  
*m3t bit sns w hdt.f sw38 wts shmty*

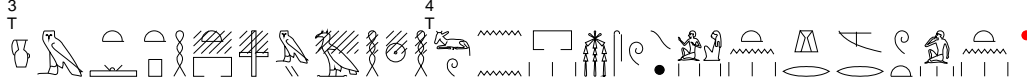
Aclamai a deusa do Baixo Egito e adorai a sua coroa branca. Prestai homenagem àquele que usa a coroa dupla.

ST e OAshm <sup>9</sup>  
  
*iri.tn nn wd3 hf.w.tn gmi.tn st n dt wn tp-t3 nn snw im.f*

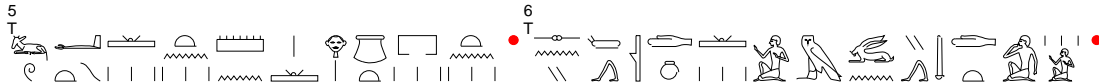
Se fizerdes isto será salutar para os vossos corpos. Vós encontrareis isto na eternidade<sup>21</sup>: aquele que está na terra sem ter problemas com ela<sup>22</sup>,

OAshm <sup>12</sup>  
  
*m sby hf.w m htp k m t3 m dd nsw htpw hr st n dt*

atravessa a existência em paz<sup>23</sup>! Entrai na terra que o rei dá<sup>24</sup>! Repousai num lugar de eternidade.

PL e OAshm <sup>3</sup>  
  
*hnmt tpht imy nhh iwnn msw.tn hr mrwt.tn*

Uni-vos à caverna eterna, (com) a casa dos vossos filhos<sup>25</sup> cheia de amor por vós

OAshm e PL <sup>5</sup>  
  
*iwft.tn mn hr nst.tn sny kd.i m wny mdwt.i*

e os vossos herdeiros estarão nos vossos lugares. Imitai<sup>26</sup> o meu exemplo! Não negligencieis as minhas palavras!





OAshm e PL §8-1  
T

*smnh tp-rdw iri.n.i ih dd.tn n hrdw.tn*

Executai com eficiência as instruções<sup>27</sup> que eu fiz. **Então, podereis dizê-(las) aos vossos filhos<sup>28</sup>.**

TC, PL, OB e OBM 3  
T

*iw r sb3 dr rk ntr ink s'ḥ n sdm n.f*

A palavra ensina desde o tempo do deus<sup>29</sup>. Eu sou um dignitário<sup>30</sup> para ser ouvido,

PL e OG 380 vº 5  
T

*'k.n nb.f m s3rwt.f m snny kdw.i*

dos conhecimentos do qual o seu senhor se inteirou. Não ultrapassem os limites do meu exemplo!

PL 7  
T

*m stni hr bi3t[i] šww.tn m spw b3gsu*

Não façam distinção<sup>31</sup> dos meus méritos! Evitem os fragmentos de inércia<sup>32</sup>.

PL 9  
T

*iw s3 sdm{w.i} r iwty dwt.f n m'r.n šhrw nb{t} im.f*

Um filho que escuta não terá (qualquer) maldade. Não terão todos os nossos planos sucesso com ele<sup>33</sup>?

PL 2  
T

*ḥsyw.tn nn m-ht rnpt rwd iry m s3ḥ n t3*

**Vós ireis elogiá-los [aos ensinamentos] daqui a uns anos,** (pois) a sua solidez permitirá alcançar terra<sup>34</sup>.

PL 4  
T

*ky sp m s3t ib.tn m 3ḥ.tw rs hr ḥmw.tn*

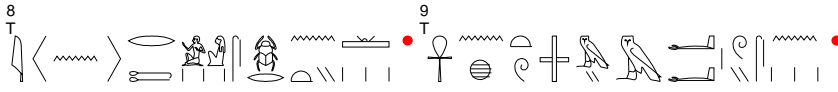
Outra forma de desenvolver<sup>35</sup> os vossos corações, de facto<sup>36</sup> com benefício perante os vossos servidores,

PL 6  
T 7  
T

*ḥn n rmt s3k wndwt.tn t3ry.tn [hr] ḥmw n iryw*

é ocuparem-se dos homens, reunir os vossos dependentes e (assim) manterem os servidores (prontos) para actuarem<sup>37</sup>.




PL   
*in rmt shpr ntyw 'nh.tw imy m 'wy.sn*

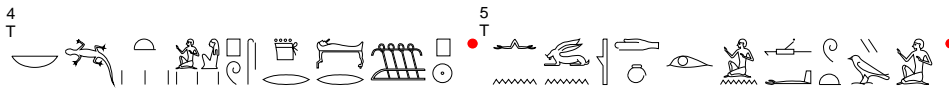
São os homens que produzem o que existe! Vive-se do que está nos seus braços!

PL   
*g3y.tw rs shm sw3w **ibt pw irt d3w***


De facto, se faltar isso a pobreza prevalecerá! São as profissões<sup>38</sup> que produzem os alimentos<sup>39</sup>.

PL   
*sw pr.f tfy snnt.f iw hrw.sn smn inbw*


A sua casa está vazia com as suas fundações em risco; o ruído delas restabelece as paredes<sup>40</sup>?

PL   
*nb 's3t pw sdr r šsp nn wn kd n w'ry*

É senhor de muita gente, aquele que dorme até clarear; (mas) não há sono para o homem solitário<sup>41</sup>.

PL   
*n h3b.n.tw m3i m wpt nn idr ddh sw r inbt*


Não se pode mandar um leão em missão! Nenhuma manada se aprisiona por um muro!

PL   
*iw hrw.f mi ibi h3 šdyt ... .. r:f r-imyw*

O seu grito é como o de quem tem sede à volta de um poço<sup>42</sup>! ... .. como os pássaros imiu.

PL   
***3bb.tw** h'py gmm.tw st nn 3ht sk3t hpr sy ds.s*

Deseja-se a inundaçã<sup>43</sup> e encontra-se isso, nenhum campo cultivado existe por si mesmo!

PL e TC   
*wr k3w wnn ... .. [mniw ?] in ddhw hww wšbw*

Os touros que são do boieiro (?)<sup>44</sup> são grandes: é aquele que os encerra que conduz os touros<sup>45</sup>.



**TC e PL**

*in ... mni ... wt ʿs3t nn dr-ʿsn*

É ... que faz acostar ... gado miúdo em tão grande quantidade que não tem fim.

**PL e TC**

*i3wt ... n nṯr ir ʿpr im st spd ḥr*

As profissões ... do deus. Quanto àquele que está abastecido em relação a isso, está vigilante!

**PL, PA vº e OG 314**

*m s3t ʿḥwty ḥr b3kw ʿby.f gmi.f n.k sw nri*

Não oprimas de impostos o lavrador: (mostra algum) afecto por ele e tu encontrá-lo-ás no ano seguinte.

**OG 314 PA vº e TC**

*ir ʿnh.f ʿwy.fy wš.k sw k3.f r šm3w*

Se ele está vivo tens os seus braços, se tu o destruíres então ele planeará ser vagabundo<sup>46</sup>.

**TC e PL**

*nhb b3kw r d3wt šmʿ ... pw ḥr ib n nṯr*

Fixa os impostos de acordo com a cevada do Alto Egipto, ... no coração do deus!

**TC**

*n spi n ʿḥ n isfty n gmi.n msw[t].f wd3t.f*

As riquezas daquele que pratica o mal não se conservam; os seus filhos não encontrarão a sua prosperidade.

**TC PL e PAvº**

*irw sfn phwy ʿnh.f nn wn msw.f tkn ib*

Aquele que causa aflição provoca o fim da sua (própria) vida; ele não terá filhos que estejam perto do (seu) coração.

**TC PL e PAvº**

*iw mrt n sni ḥr.f nn iwʿw n tff ḥ3ty*

Os dependentes são do que passa<sup>47</sup> por cima de si mesmo; não haverá herdeiros para aquele que escapa<sup>48</sup> do coração.



TC e  
PL 

*wr šfyt nt nb hrt ʿš3 hrw isft hr ib*

O respeito é grande por aquele que é senhor daquilo que é seu; a voz abundante é um mal do coração.

1238 e TC 

*in ḏw ḥb3 i3t.f grg niwt n mryty*

O malvado destrói<sup>49</sup> o seu pequeno outeiro<sup>50</sup>; uma cidade é fundada pelo homem que é amado.

PL 

*mnw pw n s w3h-ib 3ḥ gr ... ..*

A paciência é o monumento de um homem; o silêncio é eficaz para ... ..

PL 

*... .. hmt iyt ʿnn sw šḥm šḥny*

... .. que prevê contrariedades; aquele que tem uma autoridade poderosa<sup>51</sup> regressa<sup>52</sup>.

TC e  
PL 

*sfn km3.n.f idt mniw ḏwt ʿnd idr.f*

Ao misericordioso a vaca produz para ele; o mau pastor tem o seu rebanho reduzido.

PL, 1236 e 1244 

*ʿḥ3 hr rmṯ m šsrw nb ʿwt pw 3ḥt n nb.sn*

**Combatei pelos homens** de todas as maneiras. Eles são um rebanho útil ao seu senhor.

TC, PL, PAV<sup>0</sup>, 1418 e 1236 

*ntsn pw gmmw ʿnh.tw im.s 3ḥ st r-sy n sm3yt-t3*

São eles que encontram como vivermos graças a eles; eles (também) são bastante úteis para a união à terra.

1236, PL e PAV<sup>0</sup> 

*m33.tn n ... .. srsi tp.tn hr ḥmw-k3.tn*

Vejam ... .. Vigiai<sup>53</sup> os vossos servidores do ka<sup>54</sup>.



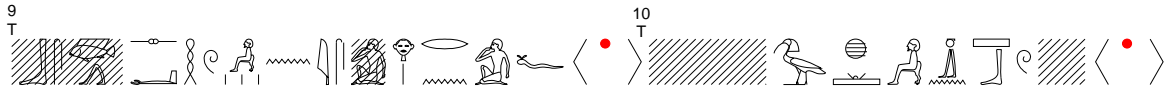
1238,  
TC,  
PAv<sup>o</sup>,  
1236  
e PL



*b3gsw s3 mnw n w<sup>c</sup>b i3m pw d<sup>d</sup>w n.f iw<sup>c</sup>w*

Se o filho for negligente<sup>55</sup> a estabilidade<sup>56</sup> pertence ao sacerdote puro! É agradável aquele que dizemos herdeiro.

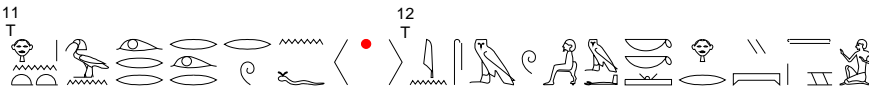
PL,  
PAv<sup>o</sup>  
1236 e  
OIOC



*bs s<sup>c</sup>h nis hr rn.f ... .. 3h ini šbw ...*

Instala o dignitário defunto e invoca o seu nome. ... .. glorificado e traz as oferendas de alimentos<sup>57</sup>,

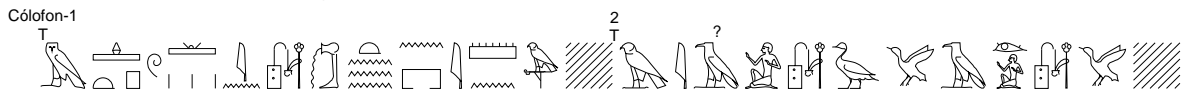
B7311  
K, 2 e  
1238



*hr ntt 3h(t) n irr r irw n.f in smw mkk hry t3*

porque é (mais) útil para quem faz do que para aquele para quem é feito: é o defunto<sup>58</sup> que protege aquele que fica sobre a terra.

PAv<sup>o</sup>



*... m htpw in sš w<sup>c</sup>bwt n pr imn ... hri{3} sš s3 p3 ir sš p3 ...*

... em paz<sup>59</sup>, pelo escriba do serviço sacerdotal da casa de Amon ... Hori, escriba filho do que pratica uma acção, escriba do...<sup>60</sup>



## NOTAS:

- <sup>1</sup> São exactamente os dois primeiros títulos da *História de Sinuhe* (cfr. p. 89 e notas 1 e 2). Note-se, no entanto, que aqui *r-p<sup>c</sup>ty* tem forma *nisbe*.
- <sup>2</sup> O restauro destas duas frases deve-se a Posener, que propõe para o espaço em falta três caracteres:  $\Delta$  sobre o  $\text{𓂏}$ , seguido de  $\text{𓂏}$  e  $\text{𓂏}$ . Assim teremos *it-ntr mry-ntr*:  $\text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏}$ . Esta expressão é, de facto, um título sacerdotal. O último determinativo associado ao verbo «amar» indica-nos a existência de uma pessoa, neste caso o próprio sacerdote, havendo aqui uma dupla anteposição honorífica (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 53; L. ARAÚJO, *O clero do deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 185-186).
- <sup>3</sup> É a abreviatura da fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!»; cfr. nota 52 de *Kufu e os Mágicos*, a nota 96 do *Conto do Náufrago* e nota 54 do *Ensinamento de Amenemhat a seu filho Senuseret*.
- <sup>4</sup> O *chendjit* é a tanga real, associada por isso, também, à divindade. Toda esta introdução é um conjunto das mais altas titulaturas: o sacerdote *sem*, cuja insígnia principal era a pele de leopardo que vestia, estava ligado aos rituais funerários do filho do deus, donde a associação com os ritos de vestir o rei, expresso neste epíteto de «administrador do *chendjit*». Antes houve uma referência à sua alta estirpe: membro da elite e governador. Por seu lado, «superior dos segredos da casa real» e «chefe do país inteiro» eram epítetos frequentemente aplicados a vizires. Conforme explicámos na introdução a este texto, é bem provável que o seu autor, de quem o nome não permaneceu registado, tenha sido o vizir Mentuhotep, alto funcionário de Senuseret I, segundo rei da XII dinastia (P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, pp. 214-215; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 242).
- <sup>5</sup> Este seria o local que comportaria o nome do responsável por este texto.
- <sup>6</sup> Para o significado «fazer que», «permitir que» ou «causar que» antes de *sdm.f*, cfr. Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 270 e A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 56).
- <sup>7</sup> A palavra *ḥnh* tem omisso o *n* (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 57).
- <sup>8</sup> Pelo facto de haver aqui a identificação de um faraó, pareceu-nos importante optar por esta versão, a versão da estela. Nimaatré Amenemhat foi Amenemhat III (c. 1853-1806/5), o antepenúltimo rei da XII dinastia (L. ARAÚJO, «Onomástica real», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 642-649; P. A. CLAYTON, *Crónicas dos Faraós*, p. 84; T. F. CANHÃO, «O meu caminho é bom». *O Conto do Camponês Eloquente*, p. 238).
- <sup>9</sup> *Sia* é uma divindade egípcia que personifica o conhecimento e a percepção, cujo nome significa «inteligência», «percepção», «discernimento». Por esta razão, surge associada tanto a Tot, deus da sabedoria e da escrita, quanto aos demiurgos Atum e Ré, sendo considerada a expressão da criação divina pelo pensamento, competindo-lhe organizar e executar a obra criativa. Divindade sem nunca ter tido culto, como arauto do deus solar residia no coração de Ré (J. C. SALES, «Sia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 786-787; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 212; cfr. nota 127 da *História de Sinuhe*).
- <sup>10</sup> «No seu momento» julgamos que seja sinónimo de meio-dia, quando o sol está a pique, o momento mais quente do sol, aquela posição solar que se identifica com Ré, já que Khepri é o sol da alvorada e Atum o sol crepuscular. A palavra *snw* não existe, pelo menos nos dicionários por nós consultados. A tradução de Posener ou Parkinson não nos convence, pois a grafia de «consumir» está bem afastada desta grafia e não existem vestígios nos manuscritos de ter existido neste local: *s3m*,  $\text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏}$ . Aparentemente parece faltar um carácter para o verbo causativo *snwh* ( $\text{𓂏} \text{𓂏} \text{𓂏}$ ), que significa «ferver», «levar à ebulição». Contudo, não é o significado mais a contexto, pois não se está a falar em exclusivo de líquidos, mas de uma acção provocada a nível geral sobre todo o tipo de materiais. Não há dúvida que o determinativo indica ser uma palavra relacionada com fogo, por isso parece-nos bem razoável a hipótese de P. Vernus: «ardente» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 376; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 231; B. MENU, *Petit Lexique*, p. 190; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 69; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 238; P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 208).
- <sup>11</sup> Aqui há uma distracção pouco comum em estelas. O determinativo final do verbo causativo «fazer florescer», *swd* ( $\text{𓂏} \text{𓂏}$ ) vem depois de *sw* ( $\text{𓂏}$ ), pronome dependente na terceira pessoa do singular masculino, acabando por se formar um participio imperfectivo activo com o acréscimo do *w* ( $\text{𓂏} \text{𓂏}$ ) e por surgir um determinativo completamente despropositado após *sw* (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 356-357).
- <sup>12</sup> Segundo pensamos, neste caso o adjectivo «grande» não é explicativo ou qualificativo, mas sim quantitativo, valorizando a quantidade daquilo que nomeia. Deste modo, «o grande Nilo» surge por oposição a «pequeno Nilo», sendo uma referência à inundaçãõ e estando de acordo com a primeira frase.



- <sup>13</sup> Sem o resto da frase é difícil assegurar que a tradução correcta seja «coração». Podia ser «desejo», «vontade», etc.
- <sup>14</sup> Sendo o *ka* um dos constituintes do homem egípcio, aquele que concentra a energia vital, assim o rei também o é para os homens. O rei é apresentado como um benfeitor da humanidade, sendo considerado mesmo uma divindade demiúrgica que cria pela palavra.
- <sup>15</sup> A presença do pronome dependente na segunda pessoa do singular masculino não faz qualquer sentido aqui. É preferível considerar a existência de um carácter *a* mais, o *w*, e ter a partícula não enclítica *ist*.
- <sup>16</sup> Atum é um dos princípios fundamentais da teologia egípcia. Deus solar e criador, foi particularmente venerado em Heliópolis. Nesta cidade foi elaborada uma cosmogonia que transformou esta divindade em demiurgo, responsável pelo aparecimento da Éneade heliopolitana, os nove deuses primordiais, através do seu sêmen ou da sua saliva, quando se encontrava só no Nun. Mais tarde associado às fases do percurso do Sol no céu, passa a ser considerado um dos seus percursos: Khepri, o Sol nascente, Ré o Sol do meio-dia (no máximo da sua glória) e Atum, o Sol poente. Transforma-se assim na divindade sincrática demiúrgica Ré-Atum-Khepri. O primeiro casal divino foi Tefnut, o calor, e Chu, o sopro. Por sua vez dão origem a um segundo casal, Geb, a terra, e Nut, o céu. Da união deste segundo casal surgirão Osíris, Ísis, Hórus o Antigo, Set e Néftis. Dos dois primeiros deste cinco ainda surgirá Hórus o Jovem. A expressão «porque une peçoços», é sinónima de «vivificar», isto é, dar vida. Lembremo-nos do mito de Osíris, em que Ísis dá vida a Osíris batendo as asas! É evidente que Chu é o mais qualificado para o fazer, mas todos eles receberam os seus poderes do demiurgo, portanto também Ísis o utilizou, tal como Atum também o poderia fazer. Provavelmente aqui está aplicado em sentido figurado de modo a designar a actividade benfeitora de sua majestade, ou seja, do Estado. É muito provavelmente uma expressão cujo significado figurado «dar vida» significa «dar alento», «dar força», «apoiar» todo aquele que sofreu um duro revés. Já encontramos esta expressão associada ao mago Djedi, em *Khufu e os Mágicos*, que sabia «como voltar a juntar uma cabeça cortada», e encontramos uma expressão semelhante no *Conto do Camponês Eloquente*, em B1 319-321: «Os magistrados devem combater o mal, eles são os senhores do bem, os artífices que criam o que é, que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada». Ou seja, é aos magistrados que compete prestar apoio a quem necessita, repor o que deixou de estar bem. No fundo é a *maat* social que se manifesta (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 28; J. SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 93-96; L. M. ARAÚJO, «Atum», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 125-126; «Atoum» em R. S. ANTELME e S. ROSSINI, *Dictionnaire illustré des dieux de l'Égypte*, pp. 79-84; ver *Khufu e os Mágicos*, pp. 44-52; ver nota 225 do *Conto do Camponês Eloquente*).
- <sup>17</sup> Sendo uma divindade demiúrgica, entendemos que a protecção que Atum exerce nestas circunstâncias se caracteriza pelo facto de em caso de morte de algum dos seus defensores ele lhe poder devolver a vida terrena, graças à sua capacidade para criar vida através do seu sêmen ou da sua saliva.
- <sup>18</sup> Aqui temos outra divindade capaz de dar vida e prosperidade. Ligando-se ao Nilo, à cheia e, por consequência, a todos os seres vivos do Egipto, Khnum regulava a cheia anual, que devia chegar pontualmente e farta. Deste modo dava vida e prosperidade ao Egipto. Mas também era o deus criador de tudo o que existia, modelado por si próprio na sua roda de oleiro, nomeadamente o próprio homem.
- <sup>19</sup> O apelo aqui é à qualidade protectora de Bastet, deusa cuja representação mais comum é a de uma mulher com cabeça de gata, e que, como qualquer mãe gata, tinha uma forte capacidade protectora da sua «ninhada», tanto a fazendo soltar a sua ferocidade como as mais ternas demonstrações de meiguice. O seu aspecto maternal, meigo e protector está bem representado no maravilhoso conjunto de bronze de uma gata com dois filhos que o Museu Calouste Gulbenkian possui: deitada de lado, olha-nos fixamente com a pata esquerda sobre uma das crias, enquanto a outra procura alimentar-se numa das suas tetas. Com cerca de 55,3 cm de comprimento e 23,5 de altura, é da Época Baixa, da XXVI dinastia (L. M. ARAÚJO, *Arte Egípcia. Colecção Calouste Gulbenkian*, pp. 128-129).
- <sup>20</sup> Normalmente representada por uma mulher com cabeça de leoa, Sekhmet, «A Poderosa», o Olho de Ré, era uma deusa guerreira associada ao mito da destruição da humanidade, que conspirara contra Ré quando deuses e homens viviam juntos na Terra. Ré teve que estancar a violenta repressão de Sekhmet e dos seus «massacradores», para que a humanidade não desaparecesse. Então os deuses separaram-se dos homens. Descontente entregou o governo da terra e da humanidade ao faraó e partiu com os outros deuses (T. F. CANHÃO, «Datação e temática do conto do Camponês Eloquente», p. 171).
- <sup>21</sup> Aqui termina a estela de Sehetepibré.
- <sup>22</sup> Com a sua vida e não com a terra.
- <sup>23</sup> No final desta frase, já depois do ponto encarnado, surge, também a encarnado, o carácter G.D41 (𓆎), completamente isolado e, aparentemente, sem qualquer expressão. Como aparece mais oito vezes, sempre da mesma forma, a encarnado, no final de uma frase e já depois do ponto encarnado, surgindo em diferentes óstracos (1428, *OAshm* (3),



1431, OBM, 1423, OG 379, 1238) e como há outros acréscimos marginais e correções a encarnado em diversos óstracos, sugerimos que o carácter D41 possa ser uma marca de correção do mestre escriba (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 79, 91, 96, 100, 108, 116, 121, 130).

<sup>24</sup> «Entrai na terra» é aqui uma referência ao túmulo.

<sup>25</sup> De facto, na transcrição de Posener, a palavra *msw*, «filhos», aparece grafada com um ponto negro na quinta posição do óstraco *Ashmolean Museum 1938.912*, o único documento que apresenta esta palavra, ou mesmo esta frase completa (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 98).

<sup>26</sup> O verbo *sni*, com o significado de «imitar», «parecer-se a», «manifestar-se» tem como principal grafia  $\overline{\text{𐀓}} \overline{\text{𐀓}}$ . Contudo, com este mesmo significado, pode surgir nas variantes  $\overline{\text{𐀓}} \overline{\text{𐀓}}$ ,  $\overline{\text{𐀓}} \overline{\text{𐀓}}$  e  $\overline{\text{𐀓}} \overline{\text{𐀓}}$ , pelo que pode confundir-se com outro verbo *sni* que se escreve exactamente da mesma maneira, mas tem por significado «trespassar», «transgredir» ou «sobrepassar» (Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 375).

<sup>27</sup> Nos outros cinco documentos que contêm esta passagem, aparecem no lugar do carácter G. A50 (𐀀) os caracteres G. D56 e G. Z1 (𐀁), que Posener diz terem sido corrompidos para o primeiro (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 100).

<sup>28</sup> A memória histórica é antes do mais da responsabilidade familiar, são os descendentes que devem assegurar a continuidade social do defunto. Uma boa vida eterna implica a passagem de geração em geração dos ensinamentos que vão permitindo lembrar os antepassados com os ritos adequados.

<sup>29</sup> Ou seja, desde os primórdios, do tempo em que os deuses viviam com os homens na terra.

<sup>30</sup> Muitas vezes a palavra *sḥ* refere-se a um nobre defunto.

<sup>31</sup> O causativo *stni* é de difícil tradução, não se encontrando nos dicionários consultados. Contudo, no causativo *stny*, Faulkner diz que pode ser idêntico a *stny*, cujo significado é «distinguir», «honrar», «fazer distinção», por extensão em português, acrescentamos, «separar», «demarcar». A grafia é diferente, sobretudo os determinativos, mas parecemos a melhor solução para este caso (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 254 e 256).

<sup>32</sup> A palavra *b3gsw* só aparece nos dicionários com o significado de «punhal» ou «arbusto espinhoso», embora com outros determinativos (𐀓𐀓𐀓𐀓, 𐀓𐀓𐀓𐀓𐀓 ou 𐀓𐀓𐀓𐀓 e 𐀓𐀓𐀓𐀓, 𐀓𐀓𐀓𐀓 ou 𐀓𐀓𐀓, respectivamente). Por comparação com as outras fontes, esta palavra apenas uma vez mais aparece com o unilítero *s* (óstraco 1200), que não consta dos restantes três manuscritos que têm esta palavra (óstraco Gardiner 97 verso, óstraco British Museum 5632 *recto* e óstraco Gardiner 380 *verso*). Portanto, também poderia ser uma forma verbal do verbo da 3ª inflexão *b3gi* (𐀓𐀓𐀓𐀓, 𐀓𐀓𐀓, 𐀓) e significar «estar cansado», «estar debilitado» ou ser o substantivo «inércia», «languidez». Teria o unilítero *s* a mais, mas o seu penúltimo determinativo estaria correcto. Mas pode também ter o unilítero *3* a mais e ser a palavra *bgsw* (𐀓𐀓𐀓𐀓, 𐀓𐀓𐀓, 𐀓) com o significado de «maldade». Mas em todos os manuscritos o unilítero *3* está presente. Do mesmo modo, também os determinativos G. A7 (𐀓) e G. G37 (𐀓) aparecem em todos os manuscritos, tal como uma das duas variantes do verbo *b3gi*: 𐀓𐀓𐀓𐀓 e 𐀓𐀓𐀓 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 79 e 85; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 165-166 e 173; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 106).

<sup>33</sup> Mesmo sem qualquer partícula, pronome ou advérbio interrogativo a construção desta frase e o contexto dizem-nos que é uma frase interrogativa, corolário perfeito para o filho que seguir os ensinamentos de seu pai (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 401-409). Sobre a palavra *mḥr* refira-se que Faulkner regista uma variante em que aparece também o *d* (𐀓𐀓𐀓), registado como erro, uma vez que surge com um *sic* por baixo (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 105).

<sup>34</sup> Será no sentido de obtenção de uma boa vida e não no sentido fúnebre.

<sup>35</sup> A palavra *st3t* é o infinitivo do causativo formado a partir do verbo da 3ª inflexão *tew* (𐀓𐀓𐀓; 𐀓𐀓; 𐀓𐀓; 𐀓). O significado da raiz é conhecido («apanhar», «segurar», «capturar», «dominar», «roubar», etc.), mas o significado do causativo não aparece nos dicionários consultados e a tradução por nós apresentada é duvidosa. Parkinson traduz por «desenvolvimento»; Vernus por «tornar aptos»; Posener por «formar» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 302; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 475-476; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 240; P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 211; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 36).















<sup>36</sup> A partícula enclítica *rs* não é muito frequente, mas quando aparece pode ser entendida por «de facto», como um reforço de afirmação (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 186-187).

<sup>37</sup> O sentido deste ensinamento é que o tempo que se ocupe prestando atenção e dialogando com os servidores, torna-





os mais eficazes no seu trabalho. O ponto encarnado que terminaria esta última frase está erradamente colocado após o primeiro caracter da primeira palavra, *im*, da frase seguinte (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 114-115).

- <sup>38</sup> Na palavra *i3t*, que se encontra no plural, não há qualquer determinativo que nos indique que se refere a pessoas, daí não concordarmos com a tradução de Posener, «trabalhadores», e muito menos com a de Vernus, «trabalhadores manuais», uma vez que estamos muitíssimo longe da diferenciação entre manufactura e maquinofactura. Parece-nos que a razão está do lado de Parkinson, que traduz por «profissões», tal como encontramos em Faulkner e Sánchez Rodríguez, que acrescentam ainda «ofícios» e «funções». É claramente uma afirmação da impossibilidade do homem viver isolado, uma afirmação da dependência social a que todos estamos subjacentes (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 7; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 73; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 240; P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 212; G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 38).
- <sup>39</sup> O determinativo final da palavra *df3w* é G. Y1 (  ) e não G. D54 (  ) como aparece grafado em PL (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 322).
- <sup>40</sup> É um caso raro em que não é necessária a presença de uma partícula ou palavra interrogativa, para que a complementaridade da segunda frase em relação à primeira seja interrogativa. Se as fundações de uma casa estão em risco de ruir, qualquer barulho nas paredes é prenúncio de desmoronamento e não o contrário (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 405).
- <sup>41</sup> Estas duas frases expressam a ideia de que só pode dormir descansado e em segurança quem é próspero e, portanto, tem muitos dependentes para cuidarem da sua segurança e da sua prosperidade, vivendo rodeado de gente, em sociedade. Pelo contrário, se um homem for um solitário, sem ninguém para o servir, vive isolado da sociedade, sendo um indivíduo anti-social. Tal como o leão, como é referido a seguir.
- <sup>42</sup> É o desespero daquele, homem ou animal, que está cheio de sede e que tem a água à vista mas não a consegue alcançar.
- <sup>43</sup> Embora os determinativos nos indiquem ser «Nilo» e não «inundação», o contexto mostra-nos o contrário.
- <sup>44</sup> A palavra *mniw*, «boieiro», «pastor», é apenas uma hipótese derivada dos três caracteres finais da palavra que aí se encontrava. O mais certo mesmo é ter havido algo mais grafado nesta lacuna. Mesmo para a palavra referida, Posener diz logo que o signo anterior não é G. A47 (  ) por isso, a ser esta palavra, será uma variante de  , tanto mais que existe o caracter G. D36 (  ). As variantes que Faulkner aponta que, evidentemente, não são as únicas, são:  ,  e  (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 123; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 108).
- <sup>45</sup> Nestas duas frases faz-se a diferenciação entre proprietário, o vaqueiro, e trabalhador, aquele que os conduz para o redil.
- <sup>46</sup> A palavra «vagabundos» não está correctamente escrita na tabuinha *Carnarvon II*. Ela está bem escrita, de acordo com Faulkner, no *Papiro Louvre E. 4864*:  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 266).
- <sup>47</sup> O verbo *sni* está mal escrito. Faulkner apresenta-o com a seguinte grafia:  . Acrescenta-lhe as variações:  ,  e  (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 229).
- <sup>48</sup> Outro verbo mal escrito: *tfi*, ou seja, «arrancar», «separar». Segundo explica Posener, é um verbo que foi usado frequentemente no Império Novo associado a coração com o significado de «separar do coração», isto é, aquele que escapa ao controle do seu próprio coração é um «impulsivo», conforme deduz Vernus, e não um «ansioso», como pretendia Posener (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 45; P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 213).
- <sup>49</sup> A falta do determinativo final não impede a compreensão da palavra em causa:  , que significa «destruir», «subverter» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 187).
- <sup>50</sup> A palavra *i3t* refere-se ao montículo artificial que normalmente se designa em arqueologia por *tell*, isto é, uma base elevada, pequena ou grande, para uma casa ou para uma cidade, feita de propósito para altear as habitações, ou feita pelo tempo e sobre a qual se vão edificando novas habitações. No Egipto serviam para pôr a salvo as casas das águas das cheias (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 244).
- <sup>51</sup> O último caracter apresentado nesta palavra é um signo ajustado *a posteriori* entre o penúltimo caracter e o sinal de pontuação, e ligeiramente superior aos restantes signos da linha. Não tem qualquer significado para a leitura do causativo *shn* (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 132).
- <sup>52</sup> Obviamente para enfrentar quem puser em causa a sua autoridade.



- <sup>53</sup> É Posener que propõe o significado para esta palavra, sem que *tp*, «cabeça», modifique o sentido do verbo (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, pp. 48-49).
- <sup>54</sup> A designação dos sacerdotes encarregues do culto do *ka*, «os servidores do *ka*», tem alguns caracteres trocados. De facto, segundo Faulkner, dever-se-ia escrever (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 169).
- <sup>55</sup> A palavra *b3gsw* parece-nos ser uma variante, ou uma grafia com erros, do verbo da 4ª inflexão *b3gi*, que pode aparecer com várias grafias: . A única palavra que se assemelha a estas e inclui a «sílabas» *sw* é, de facto, *b3gsw*, , mas cujo último determinativo, um pedaço de metal, nos leva a prever logo outro significado: é a palavra hieroglífica para «punhal» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 79).
- <sup>56</sup> À palavra *mnw* faltam um ou mais determinativos para que possamos ter a certeza absoluta de que palavra se trata. Por exclusão contextual, não julgamos que seja «sofrimento», «pena», «castigo» ( ); muito menos «monumento» ( ), «pombos» ( ), «fio», «linha» ( ) ou «árvores», «plantação» ( ). Aparentemente poderá ser uma palavra derivada do verbo intransitivo *mn* ( ), ou uma variante do próprio verbo, ou uma grafia errada do verbo. Sendo assim, *n* ( ) será uma preposição ou uma conjunção e não o elemento de ligação de um genitivo indirecto (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 106-108 e 124).
- <sup>57</sup> Só faltam os dois determinativos finais à palavra, cujo contexto nos diz não ter concorrentes: (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 264).
- <sup>58</sup> Não encontramos a palavra *smw* nos dicionários consultados, nem qualquer aproximação que se justificasse. Contudo, o contexto e o último determinativo levam-nos a crer que se trata do «nobre defunto» antes referido. Posener traduz por «o morto caritativo», Parkinson por «o beneficiário» e Vernus por «o morto venerável» (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 47; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 241; P. VERNUS, *Sagesses de L'Egypte pharaonique*, p. 214).
- <sup>59</sup> Apenas restam estes dois pedaços de linha, faltando o início e o fim do cólofon (G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, p. 139 e pl. 6).
- <sup>60</sup> Este demonstrativo tipo moderno do fim da frase que se conhece, determinaria o substantivo que viria a seguir a si e não o substantivo «escriba» que o antecede, uma vez que o seu lugar gramatical correcto é antes do substantivo que determina.